

O Deus **peregrino**: Perspectivas **Bíblicas** sobre Imigração¹
Mariani Xavier

Resumo

Este artigo tem como objetivo observar e analisar as migrações a partir da Palavra de Deus, reconhecendo como o movimento humano na terra sempre esteve presente nas Escrituras e foi descrito a partir de diferentes áreas e situações. Neste movimento, o próprio Deus se manifestou como o Deus que caminha com o seu povo, que convida todos os povos a conhecê-lo e a desfrutar de um relacionamento pessoal com ele. Ao mesmo tempo, Deus também se importa e revela seu amor e cuidado com os estrangeiros que estabelecem. a lei e a proteção para todos os estrangeiros que viviam com o povo de Israel. Assim, podemos ver como sob diferentes perspectivas as Escrituras nos mostram o olhar de Deus para com os estrangeiros, estrangeiros ou imigrantes, nunca fazendo acepção de pessoas, mas convocando todas as nações (ethnias) para uma celebração conjunta.

Palavras-Chave: migração; estrangeiros; missão integral; nações; hermenêutica bíblica

Abstract

The present article aims to observe and analyze migrations from the Word of God, recognizing how the human movement on earth has always been present in the Scriptures and was described from different environments and situations. In this movement, God himself has manifested himself the God who walks with his people, who invites all peoples to know him and to enjoy personal relationship with him. At the same time, God is also concerned and reveals his love and care for the strangers by establishing the law and protection for all foreigners who lived with the people of Israel. Thus, we can see how from different perspectives the Scriptures show us God's gaze towards strangers, foreigner, or immigrants, never being a respecter of persons but calling all nations (ethnicities) for a joint celebration.

Mariani Xavier é Directora de la Agencia de Envio Misionero de la Iglesia de Dios en Brasil. Profesora en el Centro transcultural de Misiones en São Paulo – Brasil. Directora de la Agencia de Enlace Misionero de la Iglesia de Dios de Latinoamérica. <https://orcid.org/0009-0002-4522-8052>.

¹ NOTA DO EDITOR: Diversas edições desse capítulo tem sido traduzidas em diferentes idiomas. Ele foi traduzido em espanhol como: *Perspectivas Bíblicas de la Inmigración*, publicado em 2023 na compilação *Desafios para la fe en un contexto de desarraigo*, páginas 10-28. Assim mesmo, recebeu uma tradução ao inglês como *Biblical Insights of immigration*, e foi publicado no *Journal of latin american theology: Christian reflections from the latino south*, volume 19, número 1, *compilado* por Lindy Scott em 2024.

Keywords: Immigration; foreigners; holistic mission; nations; biblical hermeneutic.

Introdução

Acredito que uma das coisas fundamentais nos processos de transformação de realidades na vida de qualquer grupo migrante, é poder ver a Deus, o Criador de toda a Terra, envolvido na história de vida deles. É muito importante que os imigrantes possam identificar-se com os relatos das Escrituras e com as ações do próprio Deus na história da humanidade, a qual tem vivido sempre em constante movimento.

Antes de continuar, devo deixar claro que quando uso a palavra imigrante no presente texto, não pretendo rotular, circunscrever ou limitar nenhum ser humano, simplesmente estou referindo-me àqueles que estão num processo de movimento e transição cultural.

Do mesmo modo, é preciso dizer que em vista da sua vulnerabilidade nos países de destino, os imigrantes aos quais demos especial atenção no livro “Los hijos del otro lado” Imigração e cidadania à luz das Escrituras², do qual este texto compõe o terceiro capítulo, são aqueles que por necessidade ou questões de sobrevivência, têm saído em busca de melhores condições de vida, embora nem sempre as alcançaram. Com isso em mente, prossigamos àquilo que a Bíblia tem a nos dizer sobre o fenômeno migratório, seus atores e o papel de Deus nisso tudo.

Base bíblico-teológica

Em primeiro lugar, é urgente reconhecer que, independentemente da sua procedência e da sua situação atual, toda pessoa é uma obra criada por Deus e faz parte da grande família chamada Humanidade (Campese, 2008, p. 19), pelo que merece dignidade e respeito.

² DE SOUZA, CHAVEZ, M. “Los hijos del otro lado” Inmigración y ciudadanía a la luz de las Escrituras. 1. ed. São Paulo, Brasil, 2024.

Ainda que muitas vezes não tenhamos consciência disso, este entendimento definitivamente deveria ter implicações profundas para todos nós como seres humanos. Em palavras de Ares (2016, p.75), esta definição de ser humano está na base da compreensão sobre a própria humanidade (Gêneses 1, 26-27; 5, 1-3; 9, 6; 1 Coríntios 11, 7). No caso das pessoas que estão no contexto migratório não é diferente.

Rodas (2009, p. 60) faz uma afirmação muito interessante ao dizer que o próprio fato de ter sido criados à imagem e semelhança de Deus, deveria propiciar em nós “uma perspectiva mais otimista em relação a eles (os imigrantes), no que tange à sua dimensão humana e àquilo que eles podem contribuir ou acrescentar ao novo contexto e ao bem comum” (*Tradução nossa*)³.

O meu desejo ao expor essa perspectiva bíblica, é começarmos a “humanizar” o migrante, o qual muitas vezes é visto como uma ameaça na sociedade receptora.

Essa “humanização” está relacionada ao fato de vê-lo com o olhar do seu Criador, com os olhos do próprio Cristo, daquele que se fez humano e peregrino, para caminhar com e entre nós. Para Rodas (*ibid.*, p. 56), essa deve ser a “maior convicção elementar para os cristãos quando se deparam com os desafios da migração hoje”.

A fé nessas afirmações, em palavras de León (2010, p.166), deve ser uma espécie de hipótese científica para o cristão, pois “nenhuma etiqueta ou definição aplicada às pessoas migrantes, se compara à dignidade de serem à imagem de Deus” (Ares, p. 75).

Essa base é fundamental, não somente para a compreensão de quem somos como indivíduos, mas também é de altíssima importância na aproximação do migrante para a Palavra de Deus. Tal como afirma Nóbrega:

Todo ser humano, por mais que a imagem de Deus (que há nele) esteja maculada pelo pecado, pela enfermidade, pela debilidade, pela velhice ou por qualquer outra coisa, ainda assim ele traz em si mesmo a condição de

³ Todas as citações desse capítulo que estão em idiomas diferentes ao português têm tradução nossa. Contudo, assim como o presente capítulo, nem todas as citações foram traduzidas de maneira totalmente literal, a fim de manter e transmitir ao leitor o sentido original de cada frase, conforme a interpretação do autor e do tradutor.

ser à imagem de Deus, e portanto, necessita ser tratado com dignidade e respeito (2009, p. 118).

Existem muitos fatores que fazem com que o imigrante se sinta inferior, ou com pouco valor dentro da cultura receptora, como o baixo nível de escolaridade, a falta de fluência no idioma local, o desconhecimento dos códigos de conduta ou das leis do país, etc.

Porém, Rodas (*ibid.*, p. 60) ressalta que só o fato de “reconhecer-se como à imagem de Deus, pode mudar a sua percepção de si mesmo e do seu lugar na Terra, ou seja, pode lhe dar uma perspectiva otimista sobre si mesmo em todos os sentidos”.

Com base nisso, acredito que olhar-se no espelho da Palavra de Deus, pode ser algo surpreendente e totalmente transformador para todas aquelas pessoas que têm estado vivendo no desarraigo territorial. Mas para isso acontecer, é necessário também olhar a maneira como a Bíblia aborda o tema do estrangeiro.

Essa tarefa representa um grande desafio, uma vez que, como veremos a seguir, trata-se de um tema igualmente transversal dentro das Escrituras. Contudo, me atrevo a dizer que em todas as questões teológicas anteriores e posteriores à teologia bíblica, e outras teologias, o tema do estrangeiro sempre tem estado muito presente e essa tendência continua crescendo.

De fato, como afirmam Campese e Rigoni, já faz alguns anos que teólogos e estudiosos vêm tratando as “migrações como um lugar teológico” ou “um lugar de encontro e revelação de Deus” (2003, p.196).

Quando observo como a Bíblia trata aos estrangeiros que moravam em meio ao Povo de Deus, entendo que Ele sempre tem trabalhado, não para acentuar ou marcar ainda mais as diferenças entre os seres humanos, mas para evidenciar que, no final das contas, todos somos parte da sua obra criada. Para Ele, todos estamos nivelados pelo seu amor criador, inclusive, no que se refere à ocupação da Terra que Ele também criou.

E muito interessante, e ao mesmo tempo atraente, ver tudo o que a Bíblia fala sobre os estrangeiros, chamados também de peregrinos e forasteiros. Campese, citando a Crüseman, afirma:

A Bíblia, desde a migração de Abraão (...) até o menino que nasceu numa manjedoura, é nas suas linhas principais, a história do ser humano, que se coloca a caminho (de outros lugares), que sai do seu país em busca de pão, terra e proteção, que anda de um lado para o outro, e que finalmente regressa (Crüseman *apud* Campese, 2008, p. 13).

A Bíblia não é apenas uma narrativa que aborda constantemente o processo das migrações. De fato, “alguns teólogos sustentam que a migração é fundamental para entender a condição humana, a prática religiosa e a identidade cristã” (Ares, *Ibid.*, p. 6), já que nos apresenta a nossa própria condição de seres criados por Deus e em constante movimento pela Terra criada. Do mesmo modo, “a própria vida cristã é uma constante peregrinação em direção à meta de completar a nossa condição humana, segundo o modelo de Jesus” (León, *Ibid.* p. 68).

Ainda que muitos acreditem que as migrações são algo próprio dos últimos séculos, ou do processo atual de globalização, a verdade é que a Bíblia é um livro cheio de narrativas sobre o movimento constante dos seres humanos pela Terra. Deslocamentos que se deram por diferentes motivos como fome, secas, guerras, disputas territoriais e muitas outras situações semelhantes. Porém, em tudo isso, sempre esteve presente o movimento do próprio Criador, com e através da sua obra criada.

De fato, a Bíblia é a história do Deus que se move com o seu povo criado, numa constante caminhada temporal da que todos nós, como seres criados, somos participantes. Ela narra a peregrinação do povo de Deus enquanto espera a redenção de todas as coisas criadas.

Tendo em conta que se trata de um tema muito amplo para ser investigado e trabalhado, a seguir abordaremos desde diferentes perspectivas. Faço isso com plena consciência da limitação da minha observação e sem pretender de forma alguma que sejam princípios definitivos ou únicos.

Pelo contrário, reconheço que tem muito material disponível sobre o tema, tanto nas Escrituras como nas diferentes pesquisas feitas por especialistas da área, teólogos, biblistas, missiólogos, etc.

Escolhi essa alternativa de perspectivas com o objetivo de que o leitor possa ver, não só a transversalidade das migrações na Bíblia, mas também, a maneira como através de diferentes textos, Deus nos guia à compreensão da nossa própria condição de forasteiros nesse mundo.

Igualmente, veremos também como Deus se relaciona com o estrangeiro num processo de identificação e de modelo para sua missão. Acredito que isso permitirá termos um panorama amplo do movimento migratório em todos os séculos da história bíblica.

Perspectivas bíblicas sobre imigração

1. Deus identifica-se como “o Deus peregrino”.

Desde o princípio Deus esteve perto da sua criação, e é possível constatar esse fato em toda a Escritura Sagrada. Mas não somente tem estado perto. Ele mesmo é um Deus que caminha com o seu povo em peregrinação. Esteve com José quando estava no seu exílio forçado, e como vemos no relato bíblico, também esteve com ele em todo o tempo da sua peregrinação. Tanto no trajeto até o Egito como na sua estada como estrangeiro nesse país, a história nos mostra que José teve consciência da presença de Deus em todo tempo. Ele mesmo deixa isso claro ao dizer aos seus irmãos: “Deus me enviou adiante de vós” (Gênesis 45:4,7).

O livro de Êxodo também apresenta um Deus que caminha com o seu povo em cada situação, de dia e de noite. De acordo com o registro de Moisés: “E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem **para os guiar** pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo **para os iluminar**, para que caminhassem de dia e de noite” (Êxodo 13: 17-22) e não se afastava deles em momento algum.

Como vemos, o Senhor não só caminha com o seu povo, mas simultaneamente se revela a eles como o seu único Deus, como aquele que caminha do seu lado durante a sua libertação, e no seu estabelecimento na nova terra.

Elsa Tamez faz um comentário muito apropriado a respeito desse texto, dizendo que certamente “a trajetória da imigração é longa e perigosa (Êxodo 15-18); atravessa o deserto, mas o texto ressalta a presença do Deus Jeová que torna-se migrante com o migrante” (2016, p. 3).

Um dos modelos que mais me impacta e surpreende é o do próprio Cristo, que como Filho de Deus escolheu a forma de estrangeiro para se apresentar ao mundo. Ele identifica-se a si mesmo como migrante (forasteiro) em Mateus 25.31, 46 ao dizer: “fui estrangeiro, e vocês me acolheram”, então lhe perguntaram “Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos?” e Ele respondeu: “Digo a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram”.

Veja bem como o próprio Jesus explica que ao ver o estrangeiro com um olhar de amor, compaixão, cuidado e solidariedade, encontramos a Ele mesmo em cada uma dessas pessoas. O modelo de Cristo é aquele do migrante, que não tem onde repousar, sem segurança, completamente vulnerável e dependente dos outros.

Contudo, ao mesmo tempo que se encarna como estrangeiro, também deixa um desafio aos seus seguidores, como se quisesse lembrá-los de que não devem discriminar ou maltratar aos estrangeiros, mas tratá-los como se fossem Ele mesmo.

Essa é uma palavra de confronto absoluto para as nossas comunidades cristãs, que muitas das vezes estão isoladas das realidades do contexto contemporâneo.

É um excelente exercício tirar um tempo para refletir no fato de que o Deus triuno se fez carne e veio a habitar entre nós (João 1:14). Sendo ainda um bebê, podemos ver ao Cristo fugindo às pressas com a sua família no meio da noite e sendo levado para uma terra estranha, na qual ele e sua família viveriam os próximos anos como estrangeiros (Mateus 2:13;14). Toda a sua história evidencia o seu rosto de imigrante, a sua condição de vulnerabilidade como forasteiro no mundo.

Certamente, se olhássemos para o rosto de cada estrangeiro (migrado, refugiado, exilado) e víssemos nele ao Cristo forasteiro, isto por si só já provocaria em nós uma mudança radical na maneira como nos aproximamos do migrante. Por isso é de vital importância, superar primeiramente em nós mesmos os nossos próprios preconceitos, o nosso etnocentrismo e racismo.

Sentimentos que às vezes se encontram tão enraizados dentro de nós, que não somos cientes deles, mas que ainda assim, podem nos levar a julgar aos outros pela sua cor de pele e pela sua origem, segundo os estereótipos ensinados na nossa própria cultura, sociedade e inclusive, na nossa própria religião.

Esse talvez seja um pecado que nunca temos reconhecido como cristãos, e do qual precisamos nos libertar para sermos eficientes em cumprir com a missão integral.

As reflexões bíblicas durante a convivência intercultural, são uma boa maneira de nos conduzir a um processo de transformação mental e libertação dos estereótipos em relação ao estrangeiro, pois como diz o próprio Jesus: “conhecereis a verdade, a verdade vos libertará” (João 8.32).

Ao olhar para o Deus forasteiro, podemos nos sentir identificados com Ele, já que também estamos de passagem pela vida, mas também podemos tomar consciência de que Ele mesmo escolheu caminhar conosco nessa travessia. Essa presença constante do “Deus peregrino” deve nos animar a continuar caminhando pelos difíceis caminhos da vida. A sua presença é a única garantia de termos uma viagem e um destino seguro, independente do deserto ao redor.

2. Deus sempre olhou para o estrangeiro na sua vulnerabilidade.

Em muitas histórias bíblicas, podemos ver como Deus escolheu o caminho da vulnerabilidade e da dependência para aqueles que são chamados segundo o seu propósito eterno. Foi assim com o próprio Abraão em Gênesis 12.1-3, quando lhe disse “sai da tua terra”, “Deixe os seus parentes” e “eu te abençoarei”.

Apesar das grandes promessas que Deus havia feito a este arameu, e da obediência dele ao chamado divino mesmo sem saber para onde ia, enquanto Abraão viveu, o Senhor não lhe deu herança na terra que lhe havia prometido (Hebreus 11:13). Ainda assim, este homem decidiu ficar naquele local com os seus filhos e netos, vivendo em tendas como quem vive em terra estrangeira, visto como estranho e estrangeiro pelas pessoas das cidades vizinhas.

Ao obedecer ao chamado de Deus, Abraão estava trilhando o caminho da dependência e da fragilidade. O homem que certamente mais tarde se tornaria pai da grande nação de Israel (tal como Deus lhe havia prometido), viveu toda a sua vida como nômade, enquanto esperava com fé o cumprimento das promessas divinas, que na verdade não viu cumprir-se enquanto estava vivo.

Tanto Tamez quanto Rodas, concordam em que a própria identidade da nação de Israel, nação formada pelos descendentes de Abraão, era estrangeira. Em Gênesis 15:13, Deus já o advertia: “sua posteridade será peregrina em terra estrangeira e será reduzida à escravidão”. Com essa frase vemos que desde aquela época, o patriarca já sabia que estava destinado à peregrinação, assim como seus descendentes.

O seu povo sentiria o peso da migração, não só pelas circunstâncias externas que os afetariam durante este período (secas, fome, divisão, etc.), mas também pelos inimigos e outras situações difíceis que lhes sobreviriam durante a sua peregrinação.

Isaque, filho de Abraão, experimentou isso em primeira mão quando se viu morando como estrangeiro nas terras de Gerar por ordem divina. Em Gênesis 26, vemos a história da sua luta por água com os pastores de Gerar, a inveja que os moradores da terra tinham dele e a disputa que ocorreu naquele momento ao verem que Isaque prosperava no local que lhes pertencia. Quanta semelhança com a realidade de muitos migrantes!

Histórias bíblicas como está lhe dão um rosto ao imigrante. Não só nos permitem ver os personagens nas suas provações e dificuldades na terra por onde peregrinavam (muitas delas inerentes a qualquer processo migratório), mas também, nos permitem ver as imperfeições destes migrantes, os erros e pecados que também cometeram durante a sua odisséia.

Porém, acima de todas as circunstâncias, estava a mão poderosa de Deus acompanhando-os incondicionalmente, guiando-os, abençoando-os e corrigindo-os, quando parecia que estavam se perdendo.

Para Rodas (2009, p. 77-100), a Bíblia nos mostra os dois lados deste processo migratório: receber a cultura e acolher a cultura, mostrando assim que a imigração é uma condição humana, e que ambas as partes devem desenvolver uma atitude de aceitação e graça com a condição humana.

Esse aspecto da migração é tão profundo nas Escrituras, que de acordo com alguns autores, a própria palavra “hebreu”, mencionada pela primeira vez em Gênesis 14:13 para se referir a Abraão, significa “estrangeiro” ou “o que vem do outro lado”⁴. Isso porque a raiz etimológica mais antiga dessa palavra remonta a um ancestral de Abraão chamado Héber (Gênesis 10:24), cujo nome significa “do além, do outro lado, aquele que emigra”⁵ e cujos filhos eram conhecidos nos tempos antigos como *hebreus*, ou filhos de Éber. Portanto, num sentido mais amplo, a palavra *Hebreus* pode ser traduzida como: “os filhos do outro lado”.

Segundo Senior e Stuhlmüller (1987, p. 80), a própria palavra “israelitas” (descendentes do neto de Abraão, Israel), também representava para os antigos uma mistura de povos diversos, os quais tinham como elo comum o seu status como refugiados, estrangeiros residentes e pessoas despejadas, arrancadas das suas terras de origem.

⁴ **"Hebreo o Hibrit"**. Etimologías [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://etimologias.dechile.net/?hebreo#:~:text=timolog%C3%ADA%20de%20HEBREO&text=La%20palabra%20hebra%20viene%20de,%2C%20fenicio%2C%20egipcio%20y%20bereber>. Acesso em: 23 de abril, 2024.

⁵ **"Hebreos"**. Diccionario Bibliatodo. Disponível em: <https://www.bibliatodo.com/Diccionario-biblico/heber>. Acesso em: 25 de abril, 2024.

Talvez seja por isso que o próprio Deus dá especial atenção ao estrangeiro, ao migrante e ao peregrino nas Escrituras. Na verdade, Deus mesmo cuida deles, e deixa claro ao Seu povo que devem tratá-los adequadamente, lembrando que um dia também foram estrangeiros em terra estrangeira. Ou seja, os israelitas deviam se colocar no lugar deles e tratá-los com compaixão e de forma justa, como pessoas iguais a eles (Êxodo 22:21), sem qualquer tipo de discriminação ou opressão.

Que outra razão precisamos, como cristãos, para acolher e ajudar adequadamente àqueles que estão atualmente em contexto de migração e que cruzam pelo nosso caminho? Pois bem, o próprio Deus nos ordena: “Quando o estrangeiro **peregrinar convosco** na vossa terra, não o oprimireis. Como um natural entre vós será o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-ás como a ti mesmo, pois estrangeiros fostes na terra do Egito.” (Levítico 19:33, 34).

Como se não bastasse, no livro de Levítico encontramos também um confronto direto com a nossa sociedade atual e com aquelas leis injustas que acabam por discriminar o imigrante, pois diz: “Uma só lei governará, tanto para o nativo como para o estrangeiro” (24.22). Poderíamos chamar isso de “A Lei dos Estrangeiros no Antigo Testamento”.

Observando os versículos a seguir, vejo que Deus se preocupou em estabelecer normas de dignidade e direitos para os estrangeiros que vieram viver entre o povo judeu:

- “Não maltratem os estrangeiros” Êxodo 23,9
- “Não os oprimam” Levítico 19,34; Deuteronômio 23, 16
- “Não perverterão o direito do estrangeiro” Deuteronômio 24,17, pois
“Maldito aquele que perverter o direito do estrangeiro” Deuteronômio 27,19
- “Repartireis, pois, esta terra entre vós, segundo as tribos de Israel. Será, porém, que a sorteareis para vossa herança, e para a dos estrangeiros que habitam no meio de vós, que gerarão filhos no meio de vós; e vos serão como naturais entre os filhos de Israel; convosco entrarão em herança, no meio das tribos de Israel.” Ezequiel 47: 21-22

Para Rodas esta lei estabelecida por Deus, revela o que está em Seu coração e o que Ele deseja para o Seu povo. Determina a ética que ele quer para um Deus e um povo reconhecidos por serem peregrinos (*ibid.* p. 91-92). À luz disto, vejo quanta diferença existe entre o acima exposto e muitas das legislações que regem hoje os estrangeiros em diferentes partes do mundo.

A verdade é que a maioria de nós sabe muito pouco sobre o quão perturbadoras, confusas e humilhantes podem ser as leis de imigração nos nossos próprios países. Embora pareça que as nossas constituições igualam os cidadãos, quando as verificamos detalhadamente e chegamos às seções referentes aos estrangeiros, podemos ver que muitas delas contêm todo tipo de limitações para os migrantes obterem o status de cidadãos, com direitos e práticas iguais aos dos nativos daquele país.

Em diversas passagens bíblicas, podemos perceber que o mandamento de Deus dá uma ênfase especial àqueles que se encontram em condição vulnerável, pois Ele mesmo “defende a causa do órfão, da viúva, e mostra amor ao estrangeiro” (Deuteronômio 10:17). -19). Assim, podemos dizer que a Bíblia na sua totalidade conduz a um caminho de amor e cuidado com os vulneráveis, incluindo o estrangeiro.

Deus nos ordena claramente que cuidemos deste grupo, e estabelece leis e regulamentos para que sejam amparados e protegidos no país onde vivem como estrangeiros.

Como vemos, a Bíblia nos encoraja a acolher o imigrante como a uma pessoa vulnerável que está em transição, e que talvez foi privada dos seus direitos e da segurança que poderia ter na sua própria terra.

É interessante o que David de la Fuente (2010) explica ao dizer que em grego, as palavras estrangeiro e o hóspede, partilham a mesma raiz: *xenios*. Segundo ele, na Grécia clássica:

Na época de Homero, todos os estrangeiros, sem exceção, consideravam-se protegidos pelos deuses e, como acontece com Ulisses na corte dos feácios, antes de perguntarem seu nome ou filiação, são imediatamente alimentados e alojados (*Ibid.*, p. 33).

Deveria ser o mesmo entre nós, cristãos. O modelo dos gregos leva-nos mais uma vez a observar a legislação do Antigo Testamento e ao que devemos fazer hoje: acolher com dignidade àqueles que estão peregrinando em busca de melhores condições de vida.

Devemos estar atentos a esta diversidade que se apresenta hoje diante dos nossos olhos, praticamente, no mundo todo. Existe um movimento migratório global que está trazendo até a porta das nossas casas, paróquias e igrejas, pessoas de diferentes cantos da Terra, aos quais Bauman (2016) chama de “estranhos à nossa porta”, na capa do seu livro.

Mas ao contrário deste autor, a Bíblia não se refere aos imigrantes como pessoas estranhas, pelo contrário, pede-nos que os tratemos como iguais. Imagine se hoje parafraseássemos Bauman de acordo com os princípios das Escrituras e os chamássemos de “convidados à nossa porta”. Que transformação radical haveria na nossa atitude em relação aos imigrantes com esta mudança de perspectiva!

3. Misio Dei, um projeto com e para todos

Nas Escrituras, Deus não somente se torna imigrante com o seu povo, cuidando dos estrangeiros e trabalhando pelo seu bem-estar, mas também os inclui como participantes da sua missão, conhecida também como *Misio Dei*. Segundo Acosta: “Na genealogia do próprio Jesus aparecem quatro mulheres estrangeiras e todas gozaram da bênção de Deus, sendo dignas de pertencer à genealogia do Salvador da humanidade: Raabe, Tamar, Rute e Bate-Seba” (2009, p. 125).

Este é um ponto muito relevante para ver e compreender a ação de Deus na história, mostrando que Ele não é apenas o Criador e zelador de toda a humanidade, mas também leva a todos em consideração, no caminho para a restauração de toda a criação.

Embora poderia dizer muitas coisas sobre estas mulheres, farei apenas uma breve referência à história de Rute, situada na intersecção da sua vida como mulher, estrangeira, pobre e viúva.

Tamez comenta em seu livro que, apesar de ser forasteira e oriunda de um povo inimigo de Israel, Rute “é acolhida e vista como uma heroína na narrativa [...] além disso, intencionalmente, essa narrativa inclui uma genealogia na qual se menciona que o filho de Rute é o avô do pai do rei Davi” (*Ibid.* 12-13).

No Novo Testamento, vemos que “os testemunhos de fé mais impressionantes são dados por estrangeiros, como o centurião (Mateus 8:10), a mulher siro-fenícia (Marcos 7:25) e o soldado que viu Cristo morrer (Mateus 25: 31 - 46). Para Jesus, o Reino de Deus envolve todas as nações” (CASTRO, 1986, p.85). A Bíblia toda afirma isso de inúmeras maneiras.

Ao longo do relato bíblico, Deus está lidando com estrangeiros, chamando-os a estarem próximos d’Ele e a serem cooperadores em Sua missão. Essas histórias bíblicas nos mostram a inclusão dos estrangeiros na história da salvação e há vários personagens que revelam essa vontade divina.

Quando vemos que Deus chama a Abraão (quando Israel nem sequer era uma nação), podemos ver muito claramente que ele é chamado dentre as nações com o propósito de abençoar os demais povos da Terra. Isto é confirmado pelo apóstolo Paulo em Gálatas 3:13-14, dizendo: “para que a bênção de Abraão chegue aos gentios.” Ou seja, um povo chamado por Deus, para ser uma bênção para todas as famílias da terra.

Esta é, na verdade, a gênese do povo judeu. Como também expressa Tamez ao comentar o texto de Deuteronômio 26,5: “todos os seus descendentes devem lembrar, de geração em geração, como uma breve confissão de fé, como um credo, as origens migrantes de seu progenitor, suas raízes são aramaicas e peregrinas” (*Ibid.* P. 8).

Vejam uma história interessante sobre a ação de Deus na vida de uma escrava e estrangeira, Hagar, contada em Gênesis 16 e Gênesis 21. Rita Ceballos (2009, p. 4) afirma que ela “é a primeira mulher do Antigo Testamento que recebe o anúncio de um filho e é a única mulher que recebe diretamente a promessa de uma descendência”, a mesma promessa feita a Abraão em Gênesis 12:1-3 de uma descendência numerosa.

De modo que, “a escrava, a pobre, a mulher e a estrangeira (foi) favorecida com a promessa e com o encontro com o Deus de Israel” (*Ibid.* p. 32-43), ao qual ela se refere depois como “o Deus que me vê” (Gênesis 16:13).

Da mesma forma, muitos outros estrangeiros foram incluídos na ação de Deus na história, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Certamente, a identidade do povo hebreu foi marcada pelas migrações, agora eles também deverão cuidar dos estrangeiros como parte da sua comunidade.

As Escrituras também mostram a inclusão de estrangeiros no seu local de adoração, quando Deus diz: “E aos filhos dos estrangeiros, que se unirem ao SENHOR, para o servirem, e para amarem o nome do Senhor (...) Também os levarei ao meu santo monte, e os alegrarei na minha casa de oração” em Isaías 56:6,7, acrescentando também em Marcos 11:17, que a sua casa seria chamada: “casa de oração para todos os povos”.

Na verdade, provavelmente a melhor palavra para usar aqui não seja *inclusão*, uma vez que todas as nações (no que tem a ver com às nações étnicas) foram sempre convidadas ao culto e à reconciliação com Deus.

Nessas passagens, o Senhor está falando diretamente com Israel, a fim de que eles não caíssem no exclusivismo ou no etnocentrismo. Por isso utiliza a expressão “todos os povos”, revelando-se como um Deus criador que sempre teve em conta a todas as nações no seu plano redentor. Isto também acontece no âmbito da oração, da busca da sua presença, da sua provisão e dos seus milagres. Ao inaugurar o templo, Salomão disse:

Assim também ao estrangeiro, que não for do teu povo Israel, quando vier de terras remotas (...) ouve tu desde os céus (...) e faz conforme a tudo o que o estrangeiro te suplicar; a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome, e te temam, como o teu povo Israel (II Crônicas 6:32,33).

Ainda hoje, Deus desafia o seu povo a convidar a todas as pessoas para este Reino de amor e perdão. Nós, como comunidade do Reino, devemos continuar trabalhando neste processo de aproximação de todas as pessoas criadas por Deus. Como diz Bedford (2002, p. 132), “a inclusão é a contrapartida missionária da apostolicidade eclesial”, ou seja, cada um, como parte da comunidade do Reino de Deus, tem a missão de fazer parte deste processo de inclusão do migrante.

De acordo com a psicologia, um dos sintomas mais perturbadores da condição do estrangeiro, ou da pessoa em processo de migração, é o de sentir que não faz parte de nada, que não pertence a nenhum lugar, bem como ter uma perda significativa de referências. Portanto, acolher os imigrantes, tanto na comunidade de fé como na sociedade de acolhimento, facilita este processo de sentir-se reconhecido, de sentir-se parte ou pertencente a algo.

Da mesma forma, ser conhecido pelo nome e não pela nacionalidade ou muito menos por apelidos negativos (“o argentino”, “o brasileiro”, “o negro”, “o índio”, etc.), pode dar à pessoa o respeito e a dignidade que lhe corresponde como indivíduo criado por Deus.

4. Um convite a todas as nações

Os livros poéticos e proféticos da Bíblia estão repletos destes convites de Deus a todos os povos da Terra. Um convite para conhecê-Lo, adorá-Lo e caminhar com Ele. Em Salmos 66:1, o salmista convida a toda a Terra para saudar o Seu nome e declarar Sua grandeza. “Que toda a Terra se prostre diante d’Ele e cante os seus louvores” (v. 4); “vinde e vede as obras de Deus” (v. 5).

Carriker (2002, p. 132), refere-se aos Salmos 117 e 67, para afirmar que “a história de Israel está intimamente relacionada com o destino das nações”. Nestes Salmos também estão presentes os convites a reconhecê-lo como Senhor e a louvar o seu nome.

No Salmo 47, por exemplo, há um convite claro para pessoas do mundo todo: “Batei palmas, todos os povos; aclamai a Deus com voz de triunfo.” (Vs. 1); “Pois Deus é o Rei de toda a terra, cantai louvores com inteligência” (vs.7), assim como em Salmos 96:7 quando Davi diz: “Dai ao Senhor, ó famílias dos povos, dai ao Senhor glória e força”, “Dizei entre as nações que o Senhor reina.” (v.10).

Podemos ver convites como estes ao longo da Bíblia, para que todos os habitantes da Terra cantem um cântico de adoração ao seu Criador (Salmos 100.1).

Este chamado de Deus se estende a toda a sua criação, incluindo os poderosos de outras nações, como nos mostra o Salmo 68:31,32 quando diz: “Virão príncipes do Egito; A Etiópia apressar-se-á a estender as mãos a Deus. Reinos da Terra, cantem a Deus, cantem ao Senhor”.

Ao dizer que a sua casa é um lugar de oração para todos os povos, Deus demonstra que este é o lugar de uma “aliança multinacional” (Carriker, Ibid.) e, portanto, pessoas de todos os povos, tribos e nações são convidadas a vir para dela. Segundo Wright, é a ação de Deus entre o seu próprio povo, o testemunho que atrai e chama outras nações a exaltar a Jeová e a se alegrar diante d’Ele (2014, pp. 355362).

Mais uma vez, podemos constatar que este santuário, aberto a todos, é também um lugar de convite e de anúncio para que todos os povos reconheçam o Senhor. Aquela oração do rei Salomão na consagração do templo (I Reis 8.41-43) nos leva a observar como Deus cumpriu a promessa feita a Abraão, de que todas as famílias da Terra seriam abençoadas por seus descendentes. Dessa forma, como diz Wright (2014, p. 362), abriu-se espaço para que todas as pessoas pudessem vir adorar e invocar o nome do Senhor.

Este convite não é novo, pois Deus sempre tem buscado a sua criação, onde quer que ela esteja, embora isso estivesse muito além do que o Seu povo Israel pensava e talvez pense até hoje.

Diante destes convites podemos sentir e ver o amor e o cuidado de Deus por todas as etnias da Terra. O Seu interesse em ter perto pessoas de todas as tribos, povos e raças, e que no final das contas, todos sejamos chamados a estar com Ele e reconhecê-Lo como o Deus único, poderoso e Criador.

Quem quer que se sinta estranho nesta Terra, excluído ou mesmo rejeitado, pode olhar para as Escrituras e encontrar nelas este convite a estar próximo do Criador do Universo.

5. Cristãos: um povo igualmente peregrino

O apóstolo Pedro, em sua carta escrita aos irmãos da diáspora os identifica como “peregrinos e estrangeiros” (I Pedro 2:11). Estes eram cristãos em condição de migrantes, que tinham sido dispersos em diversas províncias, os quais formavam uma comunidade multiétnica de fé em Jesus Cristo. Mas o que isso representa para nós, cristãos?

Segundo López (2009, p. 97), “todos os cristãos fazem parte de uma nação, vivem sob uma certa forma de governo [...] e estão sujeitos a uma determinada ordem jurídico-legal”, mas ao mesmo tempo, são cidadãos do Reino de Deus, o qual é atemporal.

Da mesma forma, para George, a Igreja do Senhor é uma comunidade da diáspora universal, sempre em caminho, em constante partida, como uma comunidade enviada ao mundo (2015, p. 14).

É esta mesma Igreja que foi chamada por Deus para ser “um povo eleito, uma nação separada, sacerdotes reais” (1 Pedro 2:9). Quero refletir sobre estes pontos na perspectiva da identidade desta igreja peregrina.

Como vemos, ela é composta por cidadãos do Reino de Deus, é uma comunidade de fé formada por pessoas de todos os povos do mundo, que tem como missão convidar a outros à reconciliação com o seu criador. Além disso, ela também é chamada a ser peregrina e a carta aos Hebreus dá testemunho disso: “todos estes morreram na fé, não tendo recebido as promessas, mas vendo-as de longe e aceitando-as de bom grado, confessando que eram estrangeiros e peregrinos na terra” (Hebreus 11:13).

Para Bosch, a Igreja é sim peregrina, porque em qualquer lugar do mundo onde os seus membros se encontram, eles estão em condição de diáspora, pois o seu Reino não é desse mundo. A Igreja também é *eclésia*, ou seja, ela é “chamada para fora” do mundo, mas paradoxalmente, ela é enviada de volta ao mundo para cumprir a sua missão. “Por tanto ser estrangeiro é um elemento de sua constituição” (2000, p. 457).

Como vemos nas Escrituras, assim como para os hebreus, e depois para Israel, a sua própria identidade era ser peregrinos, a identidade de cada cristão também é. Somos peregrinos nessa terra, e ao mesmo tempo, cidadãos do Reino de Deus; um reino celestial, mas que está presente aqui e agora e que será plenamente estabelecido no futuro (SENIOR *et. Al., Ibid.*, p. 194-196).

Assumindo esta realidade de igreja peregrina, torna-se mais fácil identificar-se com todos aqueles que estão no mesmo processo, seja voluntária ou involuntariamente.

E ao mesmo tempo, mostra ao imigrante que esta não é uma condição única de quem sai da sua terra em busca de melhores condições de vida, mas que como cristãos estaremos sempre em transição, passando pela Terra, porém, vivendo também os valores, os princípios e a justiça de um reino superior, o Reino de Deus.

Embora para muitos seja algo difícil de aceitar, a grande verdade é que somos uma “igreja migrante”. Estamos o tempo todo em transições, em caminhos difíceis, numa diáspora contínua na Terra. A própria missão confiada pelo Deus Triuno a nós é a dispersão. Isto fica claro em textos bíblicos como Gênesis 12:1-3, Salmos 67, nos relatos da Grande Comissão de Mateus 28:18-20, em Atos 1:8 e enfim, por toda a Bíblia.

Vemos então, um Deus peregrino que caminha com a sua igreja em peregrinação, com a missão de abraçar, acolher, dar as Boas Novas e proteger os povos espalhados pela Terra.

Não posso esquecer o fato de que o Cristo peregrino, o próprio Deus Triuno encarnado, ainda sendo criança, teve que se refugiar num país estrangeiro porque estava sendo perseguido de morte. Assim como milhões de crianças que migram hoje pelo mundo inteiro, o Filho do Deus Todo-Poderoso teve que ser levado rapidamente e no meio da noite para outra nação, levando consigo apenas o que pudessem colocar sobre um animal, uma vez que na sua terra natal a sua vida corria grande perigo (Mateus 2: 13-16).

Quem diria que o Senhor Jesus viveu em primeira mão aquela vulnerabilidade tão característica do imigrante, que a sua história é semelhante a dos milhões de seres humanos que hoje estão em vários lugares do mundo, fugindo, vivendo como estrangeiros; banidos talvez para sempre dos seus países de origem, porque regressar a eles significaria a morte.

Contudo, dizer hoje que “Deus também foi um imigrante”⁶ pode soar como uma ofensa, ou quase como um pecado numa sociedade que tende a ser exclusiva e discriminatória.

⁶ Expressão usada pelo cantor e compositor colombiano Santiago Benavides na letra da sua música “Dios también” (Álbum musical *Un lugar llamado gracia*, 2014).

Mas não soa assim para quem, como imigrante, se sente identificado com este Jesus que viveu o que eles também viveram, com este Deus tão humano, tão presente, tão sofrido e tão despojado de tudo o que há de mais valorizado por esta sociedade insaciável de poder, a qual tende a anular e invisibilizar os imigrantes “indesejáveis”.

Como membro da comunidade do Reino de Deus, sou desafiada a pensar que não devo apenas estar atenta a estes movimentos humanos, mas também, preciso refletir e analisar quais devem ser as ações que devo tomar para poder cumprir o que o Deus peregrino pede a nós como seu povo. Para começar, posso perguntar-me: quais podem (ou devem) ser as ações a serem tomadas neste novo contexto social?

Quero apresentar algumas delas de forma muito breve, deixando claro que não representam, em hipótese alguma, um esgotamento de possibilidades.

A igreja, como comunidade peregrina e ao mesmo tempo acolhedora, deve preparar-se para dar apoio e abrir caminhos para o empoderamento destas pessoas dentro da sociedade receptora. Tal como complementa Padilla, “à sombra da cruz de Cristo, a Igreja, como comunidade, deve ser o lugar onde desaparecem as diferenças e divisões étnicas, nacionais ou sociais” (2003, p. 35).

Toda pessoa reconciliada com Deus ingressa nesta comunidade ou família de fé, onde “encontra sua identidade na identificação com Jesus, não em sua raça, cultura, classe social ou gênero, e conseqüentemente, experimenta a reconciliação mútua” (PADILLA, 1986, P 157).

Portanto, a igreja torna-se o lugar para a vivência antecipada do Reino de Deus, e deve trabalhar também para chamar a todas as nações da Terra para esta comunidade.

Assim, nós, cristãos, devemos ser os agentes que possibilitam e tornam possíveis os processos de integração social. Devemos conhecer mais e melhor as leis de imigração para adquirir a legalidade, ter acesso à inserção escolar e laboral, dar informação e apoio durante este período de adaptação, pois isto é muito significativo para o nosso “hóspede”.

Ainda neste aspecto, a igreja pode criar atividades integradoras como momentos de convivência e valorização cultural, para que a pessoa conheça o contexto histórico, político, social e cultural em que está imersa. Dar-lhes aulas para aprender a língua local é uma ferramenta muito útil neste processo.

Temos a obrigação moral e bíblica de capacitar estas pessoas para o seu melhor desenvolvimento dentro da nova sociedade, devolvendo-lhes a dignidade, a autoestima e a segurança pessoal, até o ponto em que o “hóspede peregrino” se sinta parte desta nova sociedade, ou seja, até que ande livremente nela e faça parte também de sua construção.

Como última ação, quero destacar novamente a necessidade da igreja de proporcionar aos recém-chegados o cuidado psicológico, emocional e espiritual que tanto necessitam dada a sua realidade.

Não devemos esquecer os efeitos devastadores do choque cultural (mais conhecido em Espanha como “Síndrome de Ulisses”⁷ ou a “síndrome do imigrante” (ACHOTEGUI, 2006, p. 61) em que a pessoa sofre com a perda de referências e passa por um processo de depressão e saudade profunda.

Alguns migrantes superam isso facilmente, mas outros não, e isso resulta em sintomas de doenças psicossomáticas ou distúrbios psicológicos graves. Por isso, trazer alívio, conforto, cuidado e esperança no luto da migração é a nossa missão. Cuidar do ser humano faz parte da nossa mordomia com a obra criada.

A Igreja como peregrina, enviada ao mundo, agora tem o mundo como sua paróquia sem ter que se deslocar fisicamente. Estamos sendo desafiados a cuidar do nosso próximo: o peregrino, o imigrante, o refugiado e o exilado, o qual chega até nós cansado e inclusive ferido, e que ainda traz uma bagagem “desconhecida” para nós que é a sua língua, a sua cultura e a sua visão de mundo.

⁷ https://es.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome_de_Ulises (Consultado el 08/08/2020).

Temos que hospedá-los. É a nossa vez de lavar os pés cansados, é a nossa vez de aliviar a carga deles. Temos que cumprir a missão deixada a nós pelo Cristo peregrino, quem como diz Edésio Cetina (2006, p. 38), sendo o “Deus que peregrina com o seu povo”, ama e cuida zelosamente do estrangeiro.

Padilla (1997, pp. 188-189) nos lembra que a nossa identidade como povo de Deus vem do nosso relacionamento com Ele e não da nossa origem ou cultura. Portanto, a nossa atitude perante o estrangeiro é mais do que uma questão de ética, ela é teológica; Isto significa que, de acordo com as Escrituras, não deve haver outro lugar onde os imigrantes possam sentir-se mais confortáveis e bem-vindos do que na comunidade do povo de Deus.

Quero encerrar esta parte, com o pensamento de Robert Heimbürger:

O Senhor quer um povo que ame como Ele ama: que ama àqueles que vêm de fora e que não têm casa, nem família. Estas são justamente as pessoas com quem Deus se preocupa, tanto física quanto espiritualmente. Graças à misericórdia de Jesus Cristo, pessoas de todos os povos do mundo podem unir-se ao novo povo, ao povo de Deus. I Pedro deixa claro que para aqueles de nós que estão em Cristo, a Igreja é a nossa nação (2:9). Aqueles que fazem parte da nação de Deus ouvem a história dos migrantes de forma diferente: Deus os amou tanto que veio migrar com eles e, em resposta a esse amor, eles devem amar os migrantes (2016, p. 8).

Bibliografia

- ACHOTEGUI, J. **“Estrés Límite y Salud Mental: El Síndrome Del Inmigrante Con Estrés Crónico y Múltiple”** (Síndrome de Ulises). Revista Migraciones, Madri: Espanha, 2006. Disponível em:
- ACOSTA, M. **O humor no Antigo Testamento**. São Paulo, Brasil: Editorial Hagnos, 2009.
- ARES, A. **“¿Cuándo te vimos forastero y te acogimos? Una teología de las migraciones”**. Revista de teología y pastoral de la Caridad Corintios XIII , n. 157, Jan. 2016. Disponível em: https://www.comillas.edu/images/OBIMID/Noticias/Transitando_una_teologia_de_las_migraciones.pdf
Acesso em: 10 de março de 2020.
- BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro, Brasil: Editorial Zahar, 2016.
- BEDFORD, N. **“La teología de la misión integral y el discernimiento comunitario”**. In: PADILLA, R.; YAMAMORI, T. (Eds.). *La Iglesia local como agente de transformación - una eclesiología para la misión integral*. Buenos Aires, Argentina: Editorial Kairós, 2003. p. 47–70.
- Bíblia**. São Paulo, Brasil: Editorial Vida Nova, 2014.
- BOSCH, D. ***Misión en Transformación: Cambios de Paradigma en la Teología de la Misión***. New York, USA: Editorial Desafío, 2000.
- CAMPESE, G. ***Hacia una teología desde la realidad de las migraciones***.

CAMPESE, G., & RIGONI, F. M. **Hacer teología desde el migrante: diario de un camino**. In Migration, Religious Experience, and Globalization. Nova Iorque: Center for Migration Studies, 2003. p. 181–203.

CARRIKER, T. *O Caminho Missionário de Deus*. São Paulo, Brasil: Editorial Sepal, 2000.

CASTRO, E. *Servos Livres*. Rio de Janeiro, Brasil: Editorial Liberdade, 1986.

CEBALLOS, R. *Agar una Mujer de la Biblia*. Santo Domingo, República Dominicana: Editorial Centro Cultural Poveda, 2009.

CETINA, E. “**Misión integral en el Pentateuco**”. In: PADILLA, R.; SEGURA, A. (Eds.). *Ser hacer y decir – bases bíblicas de la Misión Integral*. Buenos Aires, Argentina: Editorial Kairós, 2006.

Ciudad de México, México: Editorial ITESO, 2008.

DE LA FUENTE, D. H. “**Técnicas de diagnóstico, intervención y evaluación social: Perspectivas desde la tradición clásica**”. In: PELAEZ, A. L. (Ed.). *Técnicas de Diagnóstico, Intervención y Evaluación Social*. Editorial Universitas. Madrid, España, 2010. p. 29-53.

DE SOUZA, CHAVEZ, M. “**Los hijos del otro lado” Inmigración y ciudadanía a la luz de las Escrituras**. 1. ed. São Paulo, Brasil, 2024.

“**Hebreo o Hibrit**”. Etimologías [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://etimologias.dechile.net/?hebreo#:~:text=timolog%C3%ADa%20de%20HEBREO&text=>

“**Hebreos**”. Dicionario Bibliatodo. Disponível em: [https://www.bibliatodo.com/Diccio nario-biblico/heber](https://www.bibliatodo.com/Diccio%20nario-biblico/heber). Acesso em: 25 de abril, 2024.

- HEIMBURGER, R. **La inmigración vista a través de la fe.** IFES - *Revista Palabra y Mundo* Edición, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/26340039/La_migración_vista_a_través_de_la_fe_el_pueblo_de_Dios_las_tierras_nacionales_y_las_universidades. Acesso em: 10 de março de 2020. <https://revistas.comillas.edu/index.php/revistamigraciones/article/view/> Acesso em: 05 de agosto de 2020.
- LEÓN, J. **A caminho de uma evangelização restauradora.** São Leopoldo, Brasil: Editorial Sinodal, CLAI, 2010.
- LÓPEZ, D. **La Propuesta Política del Reino de Dios.** Lima, Perú: Editorial Puma, 2009.
- NÓBREGA, E. **Missão Integral – Fundamentos Teológicos e implicações práticas.** João Pessoa, Brasil: Editorial Betel Brasileiro, 2009. Disponível em: org/wiki/S%C3%ADndrome_de_Ulises. Acesso em: 8 ago. 2020.
- PADILLA, R. **“Una eclesiología para la misión integral”.** In: PADILLA, R.; YAMAMORI, T. (Eds.). *La Iglesia Local como agente de transformación – Una eclesiología para la misión integral.* Buenos Aires, Argentina: Editorial Kairós. Buenos Aires, Argentina: Editorial Kairós, 2003. p. 17 – 45.
- PADILLA, R. **Discipulado y Misión.** Buenos Aires, Argentina: Editorial Kairós, 1997.
- PADILLA, R. **Misión Integral – Ensayos sobre el Reino y la Iglesia.** Buenos Aires, Argentina: Editorial Kairós, 1986.
- PADILLA, R. **Missão Integral – ensaios sobre o Reino e a Igreja.** São Paulo, Brasil: Editorial Temática, 1992.
Paulo, Brasil: Editorial Paulinas, 1987.
- RODAS, D. C. **Cristianos en la Frontera.** Florida, USA: Editorial Casa Creación, 2009.

SANTIAGO, B. **Dios también**. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cu8TOJwOEIo>>. Acesso em: 31 jul. 2020

SHERRON, G. **Sonhando Juntos Com Deus**. São Leopoldo, Brasil: Editorial Sinodal, 2015.

Síndrome de Ulisses. Wikipedia. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://es.wikipedia>.

STUHLMUELLER, C; SENIOR, S. **Os Fundamentos Bíblicos Da Missão**. São Paulo, Brasil: Editorial Paulinas, 1987.

TAMEZ, E. **Migraciones, Éxodos y Liberación. Perspectivas BíblicoTeológicas**. In: CONFERÊNCIA MADRI, 10 set. 2016.

WRIGHT, C. **A Missão de Deus – Desvendando a grande narrativa da da Bíblia**. São Paulo, Brasil: Editorial Vida Nova, 2014

WRIGHT, C. **A Missão do Povo de Deus – Uma Teologia Bíblica da Missão da Igreja**. São Paulo, Brasil: Editorial Vida Nova, 2012.

XAVIER, M. **Perspectivas Bíblicas de la Inmigración**. Desafíos para la fe en un contexto de desarraigo. San José: Costa Rica. Fraternidad Teológica Latinoamericana, 2023. p. 10–28. Disponível em: <https://alcnoticias.net/es/download/desafios-para-la-fe-en-un-contexto-dedesarraigo/>